

Julia Lopes de Almeida
ORACÃO A SANTA DOROTEA

JULIA LOPES de ALMEIDA

ORAÇÃO
- A -
SANTA
DOROTEA

· LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
SÃO PAULO | BELLO HORIZONTE

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ORAÇÃO A SANTA DOROTEIA

DA MESMA AUTORA:

—) :-: (—

TRAÇOS E ILUMINURAS — contos.
A FAMÍLIA MEDEIROS — romance.
A VIUVA SIMÕES — romance.
MEMÓRIAS DE MARTA — romance.
LIVRO DAS NOIVAS.
A FALENCIA — romance.
HISTÓRIAS DA NOSSA TERRA — contos.
ANSIA ETERNA — contos.
A INTRUSA — romance.
LIVRO DAS DONAS E DONZELAS.
CRUEL AMOR — romance.
A HERANÇA — teatro.
ELES E ELAS — diálogos e monólogos.
TEATRO — um volume.
A SILVEIRINHA — romance.
ERA UMA VEZ... — novela.
CORREIO DA ROÇA.
JORNADAS NO MEU PAÍS.
JARDIM FLORIDO.
ORAÇÃO A SANTA DOROTEIA.

De colaboração:

CONTOS INFANTIS — com Adelina Lopes Vieira.
A CASA VERDE — romance, com Filinto de Almeida.
A ÁRVORE, com Afonso Lopes de Almeida.

I

Minha Santa Doroteia, virgem mártir que dos jardins iluminados do Paraíso mandastes rosas aos incrédulos da Terra; minha Santa Doroteia milagrosa, que sofrestes torturas inauditas e em Capadócia fostes decapitada, baixai o vosso olhar sereníssimo sobre esta atribulação, transformai em lírios cândidos as palavras que me saírem da boca e as minhas flores de retórica sedição, já mofada, que não têm aroma nem produzem sementes, numa chuva de pétalas verdadeiras.

Minha Santa Doroteia, que subistes ao céu pelos degraus do cadafalso, descei de lá pelos da misericórdia e vinde segredar ao meu ouvido os termos em que me devo referir às açucenas...

Minha Santa Doroteia, padroeira dos jardins, vaso rutilante a transbordar de aromas, alma que se desfaz em sol que fecunda e aquece e em orvalho que reanima e brilha, perdoai-me a irreverência e fazei-me penetrar de joelhos na alma das flores, amen.

II

Doroteia era clara e esbelta, de longas tranças loiras e olhos pensativos. A sua beleza singular fazia atrair para ela os olhares da cubiça. Mas os noivos que lhe iam bater à porta voltavam desiludidos. Não queria a ne-

nhum. Todo o seu interesse e todo o seu cuidado se voltavam para as plantas dos prados e dos jardins. Parecia entende-las e fazer delas emissárias dos seus pensamentos a Deus. A's vezes iam encontra-la de joelhos, em extases diante das grandes rosas silenciosas, ou abraçando com ternura maternal os lírios menos cândidos que a sua pele virginal. Na ardentia das estiagens fazia caminhadas longas em busca de um cantâro d'água com que matar a sede das plantinhas mais débeis dos seus canteiros e era tal o carinho que lhes dispensava que o povo começou a alcunha-la de amiga de bruxedos e feitiçarias, embora a sua fé fosse tão grande que lhe irradiava da cabeça loira numa luminosidade de auréola.

No ano de 1310, em uma noite de lua cheia, em que a viram de joelhos sorvendo voluptuosamente o aroma dos nardos do jardim, agarraram-na e levaram-na de rastos para a prisão. Ali foi submetida á tortura e dias depois executada em condenação da sua fé.

O milagre que a relaciona com as flores foi cumprido depois da sua morte e é contado assim :

Ia a virgem caminhando para o cadafalso com tão venturosa expressão, que um moço advogado, de nome Teófilo, seu antigo pretendente e hereje consumado, ao ver-lhe a beatitude aproximou-se dela e pediu-lhe, em ar de zombaria, que dos iluminados jardins do seu *Divino Esposo* lhe mandasse depois ao menos uma flor...

A virgem contemplou-o com um olhar de piedade, e passou.

Imagine-se o espanto do mancebo quando nessa mesma noite, ao rever na escuridão a morte de Doroteia, já arrependido da sua brutalidade, a viu entrar no seu quarto, toda enluarada e entregar-lhe uma rosa. Na massa negra da treva a figura branca de Doroteia espargia um aroma divino e quando nessa mesma treva se dissolveu, havia na terra mais um contrito.

Por amor dessa visão foi a virgem consagrada como padroeira dos jardins. É' uma santa da cristandade que se liga por um fio de poesia ao sentimento da religião pagã. Roma faz-lhe todos os anos uma comemoração, no mez de Fevereiro, em que o Papa abençôa flores e frutos ao som de cânticos de glória.

Viveu Santa Doroteia em um século ainda muito imperfeito na arte e na sciência da floricultura, mas afirma a sua lenda que ela preside através dos tempos ás sucessivas mutações das plantas, diluindo no ambiente que as envolve toda a sua influência maravilhosa. Quisesse ela ao menos guiar-me pelas desconhecidas veredas em que um mistério sublime se materializa na fôrma da flôr, para que eu vos pudesse revelar a todos o seu segredo...

Santa Doroteia, inspirai-me..

III

O que eu desejaria seria transmitir, aos que o não têm, este dom de poder encontrar motivos de deleite espiritual diante das expressões, ás vezes bem simples e modestas, da Natureza. Explica-las? não sei; porque não sou

sábia, mas apenas devota. Não amo a flor porque ela seja a elaboração do fruto, mas só porque é a condensação da poesia e da graça. Tanto mais que desconfio que apesar de tantas análises, tantos estudos, tão demoradas e profundas investigações, os senhores botânicos não nos deram ainda uma definição bem exacta e bem rigorosa da flor. Parece que ela é apenas para eles — *um aparelho passageiro, mais ou menos complicado, por meio do qual se opera a sua fecundação.*

E' pouco? E' tudo? Que nos importa! Basta. Se para os sabios a flor é apenas o fenómeno que precede a semente, para mim é mais alguma cousa; é luz, é perfume, é poesia, é a afirmação da Bondade e da Beleza na terra. Reparaí bem: como que se sente na flor um esforço da natureza para se fazer interpretada por todos os entes de diferentes espécies.

Não falando já de certos insectos que parece terem nascido dela e não poderem viver sem ela, todos os animais, mesmo aqueles cujos olhos se nos afiguram mais impassiveis, a consideram com delicada atenção. Um gato atravessa por sobre um canteiro de flores sem pisar em nenhuma.

O proprio elefante, que é a expressão corpórea da brutalidade, pára se no seu caminho pressente o aroma embora subtil de uma flor. Esse poder da planta tem a magia de lhe quebrar os impetos raivosos. Ha afinidades singulares entre o belo e o horrendo, entre a rosa e o monstro. Quem nos diz se, no fundo do mar, por entre as algas de fitas multicores e a galharia viva dos coráis não serpeiem pei-

xes, molemente, vagarosamente, com o mesmo extase com que qualquer de nós serpeia por entre as ixoras do seu jardim? Quem nos assegura que os olhinhos redondos de um baiacú ou de uma arraia chitada, não se fixem às vezes nos lindos exemplares de flora marinha com uma certa doçura de sonho erradio ou uma pontinha de curiosidade que o mistério desperta? E, de todos os mistérios da natureza não ha nenhum mais impenetravel e por isso mesmo mais atraente do que o da flor.

Vêde as plantas aquáticas!

Uma lagôa de água morta, pútrida, espalhando na sua quietação a taciturnidade da sombra, vê-se de repente coberta por um manto claro de folhas de setim verde bordado de flores deslumbrantes.

O aroma dessas flores sai da estagnação da água fétida, como um poema de amor da boca de um morfético.

De onde se imaginava só poder romper a maldição á vida na figura da morte, eleva-se na beleza da côr uma onda suave de perfume que sobe no ar, que enche a floresta, que se difunde, chamando mil insectos diáfanos, loucos por beberem no cálice da flor, o segredo do fundo da água... Maenterlink, cujos olhos apaixonados varam a onda tenebrosa ou a nuvem rutilante na inquirição da alma da abelha ou da alma da flor, descreveu num dos seus livros o enlaço amoroso de uma flor aquática, a *Vallisneria*, *cujas núpcias formam o episódio mais trágico da vida amorosa das plantas*. E essas núpcias assim as descreve o poeta:

“Os dois sexos vivem apartados no fundo dos tanques e ali se namoram sem se aproximarem, até que um dia a planta feminina desenrola lentamente a espiral do seu pedúnculo e desabrocha victoriosamente na superfície do tanque. O namorado vê-a subir através da água iluminada pelo sol, e, na ânsia de a seguir, e de beija-la, ergue-se por sua vez; mas a meio caminho sente-se imobilizado, as suas hastes são demasiadamente curtas, nunca ha de chegar ao páramo luminoso onde a amada se balança chamando-o a um mundo desconhecido e ambicionado...

Figuremo-nos a tragédia daquele desejo — o inacessível quasi atingido, a fatalidade transparente, o impossível sem obstáculo visível. Seria insolúvel, como as tragédias do nosso mundo, se não fosse o mais belo e sobrenatural esforço que eu conheço em todo o universo dos inséctos e das flores.

Para subir á felicidade sonhada, o namorado quebra deliberadamente o laço que o liga á vida, destaca-se do seu pedunculo e, num vôo incomparavel, entre o borbulhar da água, a sua corôa de petalas lança-se para cima. Ferido de morte mas radiante, fluctua ao lado da sua noiva... Está cumprido o destino e a vítima afasta-se para morrer enquanto a esposa, já agora mãe, se recolhe ás profundezas do lago para aí desenvolver o fruto desse heroico enlace.”

IV

Antigamente no Brasil um homem não punha uma flor na lapela que não incorresse numa grande falta de compostura. Tinha-se inventado para essa espécie de fantasia uma frase tão injusta quanto indelicada (1). As viagens, as companhias estrangeiras em que personagens de importância eram reproduzidos no palco de botoeira florida, foram pouco a pouco dissipando o velho preconceito. Hoje, trazer ou não trazer flor é apenas uma questão de moda. Parece entretanto que a flor entre nós não ousou ainda, como na Inglaterra, penetrar sem timidez no recinto inquietador das duas Câmaras, para fazer lembrar aos nossos deputados e aos nossos senadores a condição das cousas mais humildes...

Lloyd George présa tanto as suas roseiras como os seus discursos, cultivando com esméro igual a frase e a planta.

Em tempos passados já o grande velho Gladstone, gostava de ir falar condecorado com uma violeta ao menos, e lord Beaconsfield rematava invariavelmente a sua *toilette* primorosa, pondo uma flor de luxo na lapela...

Temos em geral duas apreciações diferentes para o mesmo facto, conforme ele seja observado de perto ou a distância. Todos nós louvamos o gosto dos japoneses, interrompen-

(1) Flor ao peito asno perfeito.

do os seus labores na cidade, fechando as portas das suas casas, suspendendo, enfim todos os interesses e todos os confortos da sua vida, só para irem com os muitos ou os poucos recursos de que disponham vêr em tal ou tal campo, a tantas ou tantas léguas, o quê? — as glicínias em flor!

Este caso, freqüentemente relatado como sugestivo da religiosidade pela natureza, como seria comentado se se realisasse entre nós?

E' fácil de imaginar. Suponde que alguém vos diz com esse fino sorrisinho com que se relatam as fraquezas alheias:

— Fulano interrompeu os estudos dos filhos, obrigou a pobre da mulher á maçada de arrumar malas, somou todo o dinheirinho poupado durante um ano de trabalho, pediu na secretaria tres dias de licença, só para ir ali assim ao campo vêr as florestas barradas de flores de Quaresma e de flores de Ipê.

Se esse senhor fulano não alegasse outras razões, essa nos pareceria absolutamente ridícula. Mas porventura não trará, quem por acaso venha no outono do alto da serra, uma visão perduravel e extasiante dessas flores?

Se não chegámos ao fanatismo de fazer caminhadas para nos prostrar-nos em longos silencios contemplativos diante de arvores e vergeis floridos, ainda assim já vamos prestando o nosso culto a Flora nas nossas praças e jardins publicos. As flores das nossas cidades eram ha poucos anos ainda umas encarceradas, consumindo a vida atrás de varões de ferro. como as freiras. Temia o poder que as escri-

visava que a sociedade as brutalisasse cá fóra. Mas o povo desmentiu a previsão injusta.

Mesmo nos jardins frequentados pela gente mais rude, a flor é respeitada e todavia não se pôde assegurar que toda a gente goste de flores. Ha mesmo quem as deteste.

Tudo se explica. Ha casos de debilidade nervosa que estabelecem entre um individuo de apparencia sadia, perfeitamente normal, e as flores, ou — o que é mais expressivo — certas e determinadas flores, antipatias e repulsas invenciveis.

Houve um príncipe que chegava a desmaiar de desprazer só em ouvir falar de rosas; um general para quem vêr lírios era vêr Satanaz, e um escritor a quem tanto irritava o azul das hortensias que fugia de as vêr. Essas impressões visuais e do olfato amarguram a existência de maior numero de pessoas do que nos é dado imaginar.

Assim não admira que em um collegio de religiosas a Superiora tivesse mandado arrancar um pé de *Ruelia Formosa* que lhe enfeitava o gradil do recreio, disfarçando a sua antipatia com o attribuir-lhe acções subversivas.

Era o caso que todos os dias, mal vibrava a sineta do recreio, as educandas corriam para a planta e ali ficavam a zumbir segredinhos. Uma tarde a ingénua senhora resolveu desvendar a razão daquele reboço e foi por sua vez curvar-se sobre as flores.

Deus e Senhor ! que viram os seus olhos gravado em letras de oiro no calice sangrento da Ruélia? Viram, em uma caligrafia desigual mas positiva esta palavra: — Ama — Ante a

imperativa ordem da natureza, em vez de se sentir deslumbrada, a freira toda se arrepiou na suposição de um embuste diabólico e condenou a planta á fogueira inquisitorial...

Uma flor que ensina a amar, como a da *Ruélia*, é um código perigoso. Mas o que ela talvez ignorasse é que se a flor ensina a amar, também ensina a viver; seja onde fôr, e como fôr.

Jean Aicard, conta que tendo-se perdido um dia numa parte morta do Vesúvio, viu com espanto surgindo da lava endurecida que ele pitorescamente chama — *feu glacé*, uma doce flor doirada, temerária, que brilhava como uma estrela na nudez da terra calcinada. Ela estava ali no próprio seio da morte como uma corajosa afirmação da vida. Nem homem, nem pássaro, amedrontados pela tristeza daquelas paragens a poderiam ter plantado ali Quem a levou então? — o vento, o vento que é o melhor mensageiro das plantas, o portador discreto dos seus segredos e da sua vida... Insectos, aves e o vento, eis quem pôde saber alguma coisa das flores. Nós nada sabemos, mas cuido que elas sabem alguma coisa de nós, e coisa que as entenece, que as faz participantes das nossas alegrias e das nossas tristezas... Se não, reparaí bem, como cada flor tem na sua expressão inconfundível uma secreta analogia com os sentimentos humanos. E é tão sincera e tão justa essa expressão, que dela nos servimos melhor que dos vocábulos em certos momentos da vida, que ela simbolisa. As flores da laranjeira nos

noivados, os goivos e as saudades nos cemitérios não têm tão expressiva eloquência?

V

A mitologia de todos os povos está cheia de alusões ao papel fabuloso representado pelas flores na vida antiga, tanto nas suas crenças como nas suas práticas religiosas.

Morfeu, voltejando com as suas asas de borboleta, espalha á noite o sono reparador de um feixe de papoulas que segura nas mãos. Na India é o Lotus emblema da vida e da luz, flor que Buda sustenta na mão poderosa. Na mitologia grega Júpiter-Zeus, fez o seu leito nupcial de jacintos; a virgem cristã tem por emblema uma palma de lírios.

Seria preciso folhear muitos volumes para conhecer bem todos os emblemas escolhidos pelos deuses e pelos homens nas diferentes devoções da sua vida, que são representados por flores, quer na fórmula, quer no nome, desde a figura heraldica da flor de liz nas armas de França, até a nossa ordem da Rosa, extinta com o imperio.

O uso da flor na armaria era frequente, exactamente por ter ela sido sempre considerada como muito mais significativa que outro qualquer emblema. O poder, a força, o prestígio, são assim representados na planta, embora débil. O Brasil tem simbolizada a sua riqueza num galho de tabaco e em outro de cafeeiro, como a cidade de Florença tem simbolizada a sua origem e a sua beleza, num

simples lírio vermelho. Construída sobre um campo de lírios, essa ilustre cidade sentiu sempre em si o gérmen da poesia e do sonho... Dir-se-ha que a essência dessas flores deslumbrantes se transformava em pensamentos nos cérebros dos seus poetas, e em estátuas imortais nas mãos dos seus escultores!

Assim como os países, as famílias de maior nobreza procuravam exprimir na flor, sempre fiel, as suas mais estimadas qualidades e virtudes; e como uma das mais sublimadas virtudes era a do assanhado espírito guerreiro, as pobres, como as duas rosas da historia da Inglaterra, presidiam ás vezes a coisas bem tristes. E' certo que, a crer em alguns testemunhos, também ás vezes as flores brigam entre si. Não precisando aludir á "Guerra da Mangerona e do Alecrim", do nosso Antonio José, basta-nos reproduzir o que dizem do Resedá, afirmando ser essa a mais frenética das flores. Cheirosa e pálida, quando ela se enlaça nas outras flores é para subjuga-las. Tem a sua fórmula classica de ataque, como os lutadores romanos. Na aparência não ha nada mais frágil, entretanto a sua haste delicada tem o nervo resistente dos temperamentos tenazes.

Ha certas criaturinhas que dirieis que um sopro as leva, bem relacionadas com o modo de ser dessa florinha modesta... Ninguém se fie nas aparências.

Diz ainda Maeterlinck que se nós opuzessemos ás diversas causas que nos esmagam, metade da energia que desenvolvem tais e tais florinhas dos nossos jardins, a nossa vida seria bem melhor do que é. A natureza é um

livro de que não ha nem uma curta palavra
que nos não sirva de ensinamento.

VI

Lembraram-se um dia sete trovadores provençais de redigir um código, prometendo uma violeta ao autor da mais linda obra poética da sua lingua. A modéstia do prémio não deixou de evocar grandes cobiças. Foi assim aberto o concurso dos afamados jogos florais e criada uma academia que ainda existe e que melhormente se poderia chamar um jardim. As flores foram encarregadas de salvar uma litteratura, que a falta de estímulo fazia fenecer.

Todos os anos, no dia 3 de Maio, esta academia proclama os seus laureados, na certeza de que eles se regosijarão ao receber os prémios, que são assim representados:

Poema, epistola ou discurso em verso: — violeta;

Ode: — amaranto;

Elegia, égloga ou *balada*: — saudade;

Hino religioso: — lírio;

Fábula: — primavera;

Estudos históricos: — perpétua;

O cravo representa um prémio de animação aplicado a todos os géneros.

Nós não temos os jogos florais, mas temos em compensação, que ainda alguém achará magnifica, o jogo das flores. Quem não terá, ao menos uma vez na vida representado por excesso de mal entendida modéstia a classica

flor de abóbora, única que até hoje o homem ousou ridicularisar?

Mas ridicularisar porquê?

Talvez porque sendo rasteira e humilde resplandeça como um cálice de ouro ou por ser o embrião do fruto grosseiro, tão destinado a alimentar a voracidade dos bácoros, como a fome dos pobres... Pois quantas vezes, em caminhos de roça, essas vistosas flores desprezadas, dão aos largos tapetes verdes dos aboborais um sentimento complexo de tranquilidade e altivez! O que lhe vale é que, trazida para a roda do jogo, ela é tão visitada pela camélia impassível como pelo jasmim apaixonado, e diz com o mesmo desassombro que as outras o indefectível — *Mentes tu!* — Mas onde estavas tu?... Entre os humildes. Ficarei ainda entre eles um pouco mais.

Desde que a curiosidade desperta no espírito da criança que a sua vida se associa á das plantas. Perde-se na noite dos tempos a origem da lenda que diz serem os recém-nascidos encontrados pelas mães entre as folhas de hortaliça, e não ha menina curiosa que se não tenha debruçado para espiar por entre o mistério das corôas dos repolhos ou das alfaces, o mistério do despontar da Vida!

VII

Na cosmogonia indiana o Sol, a Lua, as estrelas são flores do jardim celeste, e o raio uma grinalda de pétalas vivas desfolhadas do alto das núvens negras pelas mãos

potentes de Vichnú. Lendas sírias, persas e chinesas, demonstram como na mais velha antiguidade o mistério da flor já comovia o homem. E tanto a flor deve ser indispensável á vida, que Deus pôz num jardim o primeiro homem e a primeira mulher.

Acordando do nada, Eva não teve a fortuna de pascer a vista em tão variada quantidade e multiplicidade de flores, como qualquer de nós pôde vêr agora. O número de plantas assinaladas pela Biblia é pobre. Na sua resenha figuram o cipreste, o ébano, o carvalho, a palmeira, o castanheiro e outras árvores severas, embora por elas serpeassem as claras hastes da vinha, provocadora de pecados. O Paraizo, como os poetas o encham de perfumes e côres gloriosas, era todo verde, monotonamente verde. Dos famosos jardins dos reis da Persia, dos decantados jardins de Babilónia é também mesquinha a nomenclatura das plantas.

A importância desses jardins estava na magnífica disposição das suas sombras, na sua extensão e nos seus jogos de água, que repuxava em bacias de todos os feitios (1).

Andei por largos dias viajando pelos de Semiramis, pelos de Epicuro e os de Laïs, em busca de flores com que enfeitar e aligeirar esta hora, e crêde-me, não achei nenhuma que pudesse dar uma ideia ao menos das flores admiráveis dos nossos dias!

Na Idade Média só encontrei plantas bravas, galhos de espinheiro torcidos sob as pon-

(1) Ver "Jardim Florido" — da mesma autora.

tes levadiças. Os castelos eram cercados de fossos em vez de serem rodeados de parques, A flor era um luxo procurado apenas, raramente, em determinadas circunstâncias da vida. Foi a Renascença que, arrancando da Terra a mortalha ensanguentada que a envolvia, a cobriu com o sorriso das flores. A Holanda delira então pelas túlipas. Um fidalgo compra um bulbo de planta por quatro mil e seiscentos florins e dá por ele ainda mais um carro novo e duas parelhas de cavalos! Como o seu clima é áspero, esse país cria a estufa carinhosa e cerca os seus palácios de jardins!

Na Belgica surge igual fantasia.

Nos balcões de Veneza, sobre o grande canal inclinam-se hastes de arbustos floridos.

Já não se pensa em crimes, fala-se em rosas. Elas vieram redimir o mundo!

Nas pálidas florinhas dos túmulos dos Faraós, nas que entreteceram as corôas lúbricas de Nero ou que na Judêa atapetaram de corolas humildes o Jardim das Oliveiras, mal poderia imaginar o mais fino profeta estas que enchem agora a terra com o seu esplendor! Os nardos que perfumavam a Sulamita não eram compactos e lindos como as nossas angélicas; as rosas que a formosa Cléopatra fazia pisar por Marco Antonio num vasto tapete de quatro palmos de espessura, eram certamente rosas de quatro pétalas das nossas cercas aldeãs.

Que fantasia doída, excitada, poderia imaginar então o brilho das rosas complexas e iluminadas, que fazem a delícia dos dias em que

vivemos? Só a respeito da rosa pôde fazer-se não uma conferência, mas um livro. Ela é de tal fôrma a mais pura expressão de beleza na terra que falando dela já um poeta afirmou: — os séculos envelheceram repetindo-lhe o elogio e entretanto o elogio não envelheceu!... E' que desde o seu primeiro desabrochamento no mundo a rosa sintetisa tudo o que maravilha a vista e o pensamento do homem. Salomão comparou-a á sabedoria eterna. Na Bíblia ela é o símbolo da graça e da felicidade perfeita. Os judeus têm a sua festa das Rosas, nós temos a nossa Rosa Mística.

Por maior que seja a imaginação de um namorado, quando ele quer comparar o encanto da mulher amada ao de alguma coisa de superior diz que — ela é linda como uma rosa! As alegorias a essa flor são infundáveis.

Na Idade Média quando uma moça era pedida em casamento coroavam-na de rosas em sinal de consentimento. E' de rosas brancas, que significam pureza, que se entretecem as grinaldas dos anjos e das virgens mortas. Num cantão da Suíça conserva-se ainda este costume tradicional: quando um prisioneiro é reconhecido inocente, e posto por isso em liberdade, o povo elege a mais linda moça do lugar para o ir abraçar ao sair da cadeia e oferecer-lhe uma emblemática rosa branca. Um dia coube a um velho encarcerado essa reparação tradicional. Por uma adorável coincidência fôra proclamada como a mais linda rapariga do lugar a sua propria filha que, ao oferecer ao pai a rosa simbólica toda se debulhou em pranto, comovida e feliz.

Não ha flor mais cultivada, quer nos jardins quer na Literatura, em que, desde as rosas de Anacreonte e as de Apuleu nas metamorfoses do seu *Asno de ouro*, até á célebre rosa de Malherbe, não cessa de ser evocada como uma das supremas graças da vida.

A historia apresenta-nos a rosa como a imagem viva da discreção. Ela era um ouvido a que se podia confiar o segredo mais perigoso sem medo da divulgação. Nos banquetes romanos gastavam-se rios de dinheiro na aquisição de rosas finas com que os convivas se coroa-vam e que eles desfolhavam nas taças uns dos outros, como participantes dos deleites e perigos dessa hora de lubricidade.

E' numa rosa, a célebre Rosa de Ouro, que ainda hoje o papa envia a sua benção ás figuras reinantes femininas, que lhe são simpáticas; é em uma corôa de rosas que a França premeia a virtude das raparigas modestas a que dão, nessa cerimonia, o nome de *rosières*. A boa verdade manda confessar que com a oferta da grinalda vai a de uma certa soma em moedas, que só as rosas teriam o poder de idealisar.

Rosa nautica, em que se gravam os raios do horizonte, ou rosas da Virgem em que se dispersam as consolações do rosário; rosa gótica, que abre na pedra fria das Igrejas corações iluminados ou rosas silvestres nascendo junto ás fontes humildes, rosas verdadeiras ou rosas emblemáticas, surgidas do seio da terra ou da alma criadora do homem, elas só bastariam para encher toda a obra de um poeta de imaginação.

VIII

Afirma a sabedoria popular que cada flor tem a sua linguagem especial e humanisada.

Nos dias românticos das passadas gerações quem não tivesse ocasião de trocar confidencias por meio da palavra, servia-se dessas mensagens com absoluta certeza de êxito. O formulário era enorme, mas apesar disso perfeitamente conhecido por todas as pessoas de boas intenções. Nesse código prestativo a Papoula vermelha quer dizer: — amemo-nos já!

Ora aí está uma flor que não gosta de perder tempo, o que ninguém lhe levará a mal.

As Zínias interpretam uma queixa inuda neste soluço: — já me não amas!

O Flox, imperativo e ao mesmo tempo cuidadoso, ordena: — queime as minhas cartas. A doce Violeta aconselha a dissimulação; e o Manacá esta coisa impenetrável: — guarde a carapuça.

Pobres flores, como a parvoíce humana abusa da sua docilidade e as desfigura dando-lhes designações pejorativas! A alma do povo, que tem ás vezes mais singulares manifestações de delicadeza, entretém-se em outras brutalizando o que é por si delicado. Assim troca o doce nome de Balsamina — pelo de — Beijo de Frade, o da Euforbia Jaequemina pelo de — Cauda de burro —o de Amaranto pelo de — Crista de galo — e outros. Já não contentes de as fazerem dizer coisas ternas, por conta alheia, ainda ha quem as faça assumir certas res-

ponsabilidades alcoviteiras, conforme a posição em que as coloca num ou noutro lado do peito ou do penteado.

Mas ninguém de espírito educado se detem na observação dessas normas, em que a malícia do diabo se intrometeu, que ele também por lá tem as suas flores de enxofre e de química...

Espirituoso e fantasista como é Satanaz, não poderia certamente dispensar a flor, embora de fogo. Os cardos brilhantes, as mangabas ardentes, os crótons causticantes, são talvez oriundos do inferno...

Quando verdes no meio das campinas os altos cónos verdes dos cactus espinhosos, ou nos rochedos as cabeleiras hirtas das bromélias sensuais, podeis supôr que por ali andou vagando e sonhando essa entidade misteriosa em cujos dedos habeis e irresistiveis se embaraçam os fios, tanto da nossa vida como da vida das plantas... Embora as suas trombetas que enfeitçam os nossos jardins falem de amor ás estrelas, — e para falar de amor não ha como o diabo — a verdade é que ele insuflou em certas seivas almas danadas, com instintos assassinos, como nas plantas carnívoras e nas venenosas. E' dele a flor barométrica... e querem ver que foi ele quem inventou também a flor artificial?

Pois se o foi, prestou á mulher um bom serviço.

A dar crédito a Th. Villard, foi o chinez o povo que primeiro reproduziu a flor natural, de tão curta duração, na sua similar em fibra de bambú.

Desde então a escultura da flor passou a ser uma arte universal, arte que é para os poetas um sacrilégio, mas contra a qual não protestam os chapéus das senhoras. Pois graças ao diabo hoje fazem-se flores de pano, de penas, de conchas, de cera, de couro, de papel, de pão, de palha, de mica, de côco, de sabão, de assucar, de gesso, de tudo!

E' uma balbúrdia, é um desespero. Os ourives cinzelam nos seus diademas flores de ouro e de pedrarias eternas, as manufacturas de Sevres e de Saxe, produzem verdadeiras obras primas nas grinaldas e festões das suas porcelanas. Não ha arte e não ha industria que não reproduza a flor, como o modelo mais gracioso e seductor que nos oferece a natureza. A architectura mais grandiosa procurou nela a inspiração.

As suas hastes delicadas sugeriram os fustes das colunas; abriam-se os cálices nos capiteis e as folhas se estendiam, entretecendo-se em arco na abóbada dos templos.

Assim uma flor, que vive o tempo de um suspiro, pôde inspirar obras seculares... Bem como a architectura, a arte decorativa traduziu nas linhas flexíveis dos seus arabescos, os caules, a ramagem e a corola das flores. E este modelo divino, não é impassível porque não é só forma: tem a côr, tem o aroma, é o nectário dos insectos vagabundos, tem alma, sofre, ama, goza, aspira, dorme, desperta, e sonha!

O Relógio de Flora é formado por um certo número de flores, que se abrem e fecham a diferentes e determinadas horas do dia, sob

a influência do calor ou do frio, da obscuridade ou da luz. A Flor do Baile oferece o seio ao palor das estrelas; a Calêndula abre-se de madrugada, o Lençol de Neve ao pôr do sol... A cada minuto, a cada segundo ha um estremecimento de pétalas que se agitam e se desdobram seguindo, efêmera mas regularissimamente, a eterna marcha do Tempo.

Nos seus dramas de amor, que a nossa inteligência mal adivinha, ha ciumes, rebeldias e até crimes com premeditação. Ha uma flor cuja configuração lembra a de uma marrequinha. E' de maravilhosa estrutura e considerada a segunda flor em tamanho em todo o mundo, tão notavel na dimensão como no colorido. O centro veludoso e côr de mosto esbate-se para as extremidades em veios e salpicos do mesmo tom escuro, sobre marfim velho. Constituida numa pétala bem aberta, ela estreita-se num tubo em fórmula de pescoço e o cheiro que exála é um hálito pútrido. Por vezes, quem a segurar senti-la ha trepidar como que assustada, entre os seus dedos. Porque terá medo, a pobre flor? Um dia alguém, ao perceber essa impressão rasgou uma delas de alto a baixo, impellido por uma grande curiosidade. Evolou-se então de dentro do seu tubo ou pescoço, uma tribu de moscas pequeninas, que ali estavam como refens ou prisioneiras de guerra... E eis aí um belo auxiliar para o homem contra o insecto importuno.

Entre todos os fenómenos que revelam na planta relação com a animalidade, um dos mais delicados é o da sensitiva, que toda se encolhe e

se finge morta se a tocam de leve ou mesmo se tropel de cavalos ou rodar de carruagens faça vibrar, embora de longe, o solo em que viva. Outro fenómeno não menos curioso é o da electricidade e fosforescência de algumas plantas, como a Fitoláca, que faz recuar, dizem, com um choque, quem, despercebido para o caso, presumir colhê-la.

Ha alguns anos, os jornaes brasileiros publicaram a notícia de se haver observado em certos campos paulistas estendais á noite de lençóis luminosos. Verificaram que essa claridade era desprendida pelas plantas e supuzeram-na relacionada com o rádioium. Este facto não é menos curioso que outro, revelado pela boca da verdade ou da *blague* de uma revista americana, que afirmou nascerem certas pedras preciosas dentro de uma das espécies de bambú do Haiti.

A ser verdade que a exsudação dessa planta se possa congelar em pérolas côr de rosa, eu suplicaria ao Fado enigmático que negasse tão prodigiosa faculdade aos bambús do Brasil, já bem sacrificados pela cobiça do homem. Não acrediteis que nenhuma árvore crave com furor as suas raízes na terra, como um avarento crava as unhas num cofre, para esconder tesouros opulentos.

Árvores e flores não vieram ao mundo para falar a lingua mortal de paixões irrequietas, mas a serena e eterna linguágem da Poesia consoladora...

Darwin, que nos tirou a doce illusão de descendermos de uma Eva loira e linda e de um Adão harmonioso, disse que as orquídeas, essas

quimeras vivas das florestas, que na floricultura de todo o mundo são conhecidas apenas ha uns cem anos, têm a estrutura e os costumes semelhantes aos da animalidade. Era um despoetizador !

Que explicação daria ele e darão outros sábios, á vitalidade prolongada de certas flores, como a Perpétua, a Sempre-viva, e, mais do que todas, a rosa de Jericó ?

A rosa de Jericó, que morre e resuscita como certas afeições que parecem mortas mas renascem ao calor de um simples olhar ?

Não tem a pobre nem beleza nem perfume e talvez por isso simbolize a immortalidade.

A perfeição pela Terra passa como um relâmpago, e a flor murcha só conserva o encanto que a saudade lhe empresta . . .

Quantas vezes, abrindo um livro ha muito abandonado, vemos cair dentre as suas páginas uma flor amarela, quebradiça, que entretanto evoca em nossa alma uma revoada de lembranças ! O mais pesado dicionário, o mais massudo livro, se o folheardes bem, lá encontrareis muitas vezes esse doce vínculo de amor e da natureza, essa fútil representação de um dia inolvidável...

Qual será o pobrezinho tão pobre, que não tenha na vida uma dessas florinhas a poetisar-lhe a memória ? Quantas vezes tambem um aroma sutil tem a mágica força de nos reportar a um passado longínquo, fazendo reviver momentos esquecidos ? O aroma tem uma acção suggestiva, singularmente poderosa. Ha perfumes evocadores e delicias, ha-os tambem assassinos. O da Mancenilheira é um destes ;

mata, embora a fazer cantar, como na *Africana* de Meyerbeer. A imaginação de Zola criou no poema de *L'abbé Mouret* a alma delirante do aroma, desde a sua expressão acariciante até ao seu gemido mortal.

Como a Selika da opera, a Albina do poeta pede ao perfume das flores o esquecimento para o seu amor traído.

Já Moisés confeccionava ele mesmo o óleo cheiroso com que se ungia; já o profeta Ezequiel falava das filhas de Sião, que se empapavam de aromas. Maria Madalena rescendia a tuberosas, Hipócrates salvou Atenas da peste embalsamando o ar com perfumes; Solon interdiz o uso dos cheiros, Sócrates combate-os; mas a formosa Aspásia escreve dois livros ensinando a confecciona-los. E' com o cheiro da Arruda que se esconjuram enredos maléficos e com o são aroma da Alfazema que se envolvem os recém-nascidos; assim a flor convive com o homem desde o seu primeiro dia de vida neste mundo.

Ainda a alma da mãe não lhe transmitiu no seu primeiro beijo toda a sua ternura e já a florinha modésta o afagou com o seu hálito purificador.

Um dos encantos de Constantinopla é ver-se passear nos jardins á margem do Bósforo as turcas veladas e silenciosas. Elas vagueiam como grandes lírios que se tivessem desprendido e deslissassem hirtos nas hastes, aspirando o aroma mais do que vendo as flores...

A essência dos seus roseiraes é como uma segunda alma do seu corpo, aquela em que vaga o melhor de seus sonhos...

IX

Quem disse ás moças da Europa, da Asia ou da America, que os Trêvos de quatro folhas trazem felicidade? Não se sabe. Entretanto, onde haja juventude, um desejo, um pé de Trêvo, eis que ha uns dedinhos que se embaralham na folhagem procurando o milagre. Que oráculo terá sido mais interrogado do que o singelo Mal-me-quer? Póde não se acreditar numa palavra, mas quem deixará de crer numa flor?

Quando passa a idade de tratar de crianças, começa na mulher a época de se dedicar ás plantas, igualmente frágeis, igualmente lindas.

E' preciso criar, criar sempre, para repouso da consciência e alegria do coração. E' tão fácil fincar na terra uma haste de roseira e tão lindo vê-la brotar, crescer, florir!

Mas os homens são mais interessados pela cultura dos jardins do que as mulheres. Não ha, entre coleccionadores de rosas ou de orquídias um só nome feminino. Porque?

Porque essa indiferença é naturalmente herdada de um preconceito antigo, que desvirtuava a mulher em relação á flor.

O árabe, que foi o povo que primeiro cuidou da floricultura, dizia que os Goivos só devem ser cultivados por homens, mas por homens limpos e puros, e morrem quando são tratados por mulheres. A sombra do nosso corpo, o hálito da nossa boca, a luz do nosso olhar, influencias impalpáveis e diluídas no ambiente dos

jardins, bastavam para perturbar a felicidade das flores, a ponto de fazer sumir-se delas a seiva da vitalidade! Só o homem, de largo espírito tranquilo, o homem isento do pecado de que nós somos a irradiação contínua, não profanava com o seu contacto a flor maravilhosa. Oh, a vaidade, que transformou o belo Narciso em uma flor, não é positivamente sentimento feminino.

Foi essa presunção que originou na mulher a indiferença pelos jardins; a não ser a do campo, que só procura na planta e com raro tino, a sua terapêutica, as outras associam por tal geito a flor á sua vida, que esse tradicional descaso ha de ir desaparecendo. Afinal é á flor que ela pede a graça da sua mesa, o culto do seu oratório, o carinho piedoso para os túmulos amados, a poesia para o seu lar e para as suas *toilettes*, o que fez dizer a uma fidalga francesa quando um dia interpelada sobre a sua elegância.

— O meu aderecista?... O meu perfumista?... E' o meu jardim!

A alma complexa das multidões tem, como cada indivíduo, predilecção manifesta por uma flor.

Este senhor prefere as dalias, este outro as Violetas, aquele mais as Rosas, mas todas essas preferências esparsas se concretizam ás vezes em uma só flor, a flor da cidade a que esses mesmos indivíduos dão alma e pensamento, a flor eleita por uma votação colectiva absolutamente misteriosa e que se torna como que representativa do lugar. Vêde que prodigioso poder desse ente efêmero! Em qualquer canto

da Terra o Lilás fará lembrar Paris, como o cravo Madrid, como a Violeta Nice, como o Jacinto Londres e como a Túlipa a Holanda.

Nós, que temos as rosas vermelhas do país de Ninon e tão belos cravos como os que a Carmen afoga nas ondas do seu cabelo, porque não teremos também a representar a alma da nossa cidade luminosa uma flor bem nossa, que a solenidade religiosa do amor nos faça cultivar e reproduzir? Para simbolisar a intensidade da nossa luz, aí temos os Ibiscos estridentes, rútilantes, almas de brasa em pele de sêda, desabrochando em todas as estações numa avidez nunca saciada de fulguração!

Para simbolisar a doçura, aqui temos o Manacá, singelo na fôrma, fecundo na floração, poderoso no aroma inconfundível. O Manacá versátil, que muda de côr a cada hora e é a propria essencia e representação da vida...

XI

Minha Santa Doroteia, mãe virginal das Rosas e dos Lírios, tende piedade dos jardins abandonados e das plantinhas agrestes, a que não chega nunca uma gota de orvalho,

Amen.

Esta confêrencia foi dita no salão do Instituto de Musica do Rio de Janeiro, na segunda série das suas confêrencias literarias.





